Sociedade

A morte em nosso tempo O que perdemos com o fim dos ritos



Achar que as crianças não devem ir a velórios e enterros é uma tolice que pode ter graves consequências psíquicas, sustenta o pesquisador e ministro de exéguias Evaristo Eduardo de Miranda, que reabriu o Ciclo de Conferências e Debates do Instituto Ciência e Fé, em Curitiba, no dia 9 de abril. Evaristo de Miranda falou sobre os significados da morte no fim do milênio e constatou o abandono dos ritos de passagem nas cerimônias de adeus.

De trinta anos para cá, diz o pesquisador, houve uma inversão de comportamento envolvendo o nascimento e a morte. - Antes o nascimento era um acontecimento misterioso, as mulheres davam à luz em quartos fechados, os homens não podiam entrar, as crianças não podiam saber; já a morte era pública, o velório era na casa do morto, o enterro saía da casa e todos acompanhavam. Por onde o cortejo passava, as pessoas iam abaixando o rádio, fazendo silêncio. Hoje os partos são filmados e os maridos não se sentem constrangidos de mostrar a fita para os amigos; já os enterros são cerimônias quase furtivas, apressadas e impessoais. A conseqüência, diz Miranda, é a dificuldade de se preparar para a própria morte, por falta de vivência do luto. Nas crianças, haveria ainda a dificuldade de materializar a morte. Para elas, a explicação de que uma pessoa "foi embora" gera a confusão de que pode voltar.

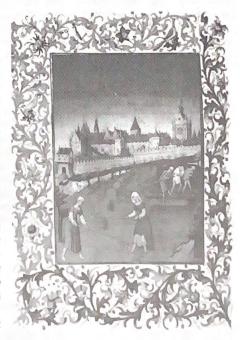
Os símbolos religiosos foram banidos dos cemitérios, que mais parecem pastos, ironizou Evaristo

de Miranda, referindo-se moda dos cemitérios parques. As capelas onde os corpos são velados são insípidas e o comportamento dos amigos e parentes faz pensar que honrar os mortos é algo constrangedor. Por trás de tudo isso, especula, estão os valores da sociedade de consumo, voltados unicamente para a satisfação e contrários à idéia da dor.

A Igreja, diz

Evaristo de Miranda, jamais procurou consolar a família pela morte de um dos seus. Confortar, sim, mas consolar não, porque a dor da perda não tem consolo e precisa ser vivida na íntegra para que possa ser superada. Sem o luto, humano e profundo, não se dá a herança nem a redistribuição de amor. O legado dos valores espirituais, do caráter, da experiência, só é completado com a morte, diz Evaristo. É com a morte do pai que o filho incorpora definitivamente sua herança. Da mesma maneira, o amor dedicado a alguém só pode ser resgatado e redistribuído a outros se tomamos consciência, plenamente, da morte daquela pessoa.

Finalmente, se não consegue ver, tocar o morto, sofrer com sua perda, a pessoa pode acabar procurando com ele relações fantasmagóricas, insistindo em conversar com seu espírito, ver materializada, novamente, sua presença. Para Evaristo de Miranda, é isso que está acontecendo com quem procura o contato com os mortos.



3

UM CORPO DE PALAVRAS



Janeiro: descende Capricómio e ascende Aquário Amigos reúnem-se para festejar um novo ano e trocar presentes. Palavras se

ano e trocar presentes. Palavras se unem aos gestos, na entrega dos dons. Nos ritos de passagem reúnem-se amigos e familiares, para entregar a Deus o que sempre lhe pertenceu. A mesa simboliza a revelação do segredo, mas de forma reservada aos convidados, aos iniciados. Imagem de um centro espiritual, ela lembra os doze apóstolos no cenáculo, os doze signos do zodíaco e é uma alegoria do céu.

O TEMPO DO SOPRO

Fevereiro: descende Aquário e ascende Peixes

No inverno, noite do espírito, o hálito do fogo aquece os humanos e purifica os pensamentos. Corvos, mensageiros do sopro divino, alimentam-se ao lado de ovelhas. Homens ofegantes cortam lenha na busca do mistério do sol, transformado em verde vegetal. O último sopro de vida marca a conclusão do nascimento do cristão, iniciado no batismo. Na morte, o nascer do Alto é definitivo. Deus consagra com selo arquetípico nossa irredutivel identidade pessoal.



NOS OMBROS DAS OVELHAS



Junho: descende Gêmeos e ascende Câncer

A foice simboliza os ciclos cósmicos de colheitas e renovação. Na colheita cortase o caule, cordão umbilical ligando o fruto à dependência da terra alimentadora. Sinal da progressão temporal e individual, a foice brilha na noite de nossas vidas, como lua crescente que nunca declina. Na hora de nossa hora, quando a morte ceifa com sua alfange luminosa, oferecer nosso feno de luz, embalados e portados nos ombros dos amigos e familiares.

A TRADIÇÃO DAS GERAÇÕES

Abril: descende Áries e ascende Touro

Nesta imagem da primavera, coberta de grama verde, um casal troca anéis, sinal de aliança, casamento, esperança e vida nova. A seqüência de ciclos de nascimento, morte e ressurreição em nossas vidas é como um colar de páscoas nos adornando. Quem não celebra seus mortos, não celebra sua vida, nem sua tradição. Quem lembra seus ascendentes, lembra seu próprio destino, um chamado de ascensão e iluminação.



A ÁRVORE DÁ A VIDA



Setembro: descende Virgem e ascende Balança

As uvas são colhidas e recolhidas ao castelo. A vida autêntica e eterna não começa só após a morte. Ela é possível aqui e agora nas vitórias sobre a angústia da morte, a noite da alma e a mortalidade. O Falecido balizado, enxertado na árvore da vida, recebeu a seiva da Graça. Produziu os belos e saborosos frutos, sonhados e profetizados de geração em geração. A espiritualização é como uma vinificação da vida, ao longo da existência.